

# **Mídia, nostalgia e encenação: o passado e o presente encontram-se no palco<sup>1</sup>**

**Autora:** Regina Lúcia Alves de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta deste trabalho é mostrar como a mídia, às vezes que toma o passado como base de sua narrativa, o faz com o objetivo de desencadear reações nostálgicas no receptor e, por conseguinte, interferir no acontecimento do presente, contabilizando seus interesses e preservando o seu poder dentro de uma nova correlação de forças na sociedade.

## **Entrada**

Dos diversos sintomas apresentados pelos teóricos que discutem a nova formação social, cultural e econômica, ou melhor, que revelam o que os autores pós-moderno denominam de mudanças com relação à modernidade, um será singularmente privilegiado neste trabalho, qual seja: o modo como todo nosso sistema social contemporâneo começou a perder a capacidade de reter seu próprio passado e a viver num presente perpétuo e numa perpétua mudança que oblitera o tipo de tradições que todas as formações sociais anteriores, de um modo e de outro, tiveram que preservar (Jameson,1993).

De acordo ainda com estes teóricos, o principal agente e mecanismo dessa amnésica história é a mídia, cuja tarefa é relegar ao passado com a maior rapidez as experiências históricas recentes em detrimento de uma experiência cada vez mais atual, transformando a realidade em imagens e fragmentando o tempo numa série de presentes perpétuos, sem profundidade (Jameson, 1993). Ou seja, a função primordial da mídia, segundo eles, é a de nos fazer esquecer, com seu discurso voltado exclusivamente para o tempo presente, onde tudo na notícia conspira no sentido de embolar referências do passado, mesmo que imediato. É exatamente a busca desse presente que respalda a mídia, em alguns casos, quando lhe convém, organizar a temporalidade de seu discurso com o passado ausente.

Convém ressaltar, no entanto, que as sociedades contemporâneas e o próprio discurso midiático possuem características ambivalentes: ao mesmo tempo em que apresentam estrutura inerentemente amnésica, são inescapavelmente mne mônica. Por outras

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP-02, do VI Encontro dos Núcleos de pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre e Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará.

palavras, as práticas sociais contemporâneas e as práticas discursivas da mídia revelam, além da incapacidade de reter o passado em detrimento de um presente perpétuo, o apelo constante e intenso à história. O que vale dizer que amnésia e memória coexistem no interior do sistema social contemporâneo e nas práticas discursivas da mídia.

Para os nossos objetivos, porém, não interessa aqui apenas constatar que as práticas discursivas da mídia, nosso objeto de reflexão, possuem características ambivalentes. Interessa-nos, sim, chamar atenção para a maneira como a mídia lança mão dessa estratégia mnemônica. Nossa hipótese, portanto, é que a mídia, ao recorrer a uma parte do passado, não o faz com intuito de retratar o real histórico, aquele que está subordinado à realidade e que pode ser comprovado, verificado e testemunhado. Pelo contrário, às vezes que toma o passado como base de sua narrativa, o faz com objetivo de interferir num acontecimento do presente, contabilizando seus interesses e preservando o seu poder dentro de uma nova correlação de forças na sociedade. Para isso, a mídia escolhe um fato do passado considerado de preferência exemplar, para associá-lo a um fato do presente que provocou um desencantamento da realidade social e que, por estas razões, desperta a indignação geral da sociedade. Com isto, a mídia desencadeia reações nostálgicas no receptor e, por conseguinte, interfere no processo de construção social da realidade.

É através da estratégia mnemônica, que a mídia permite à sociedade, no movimento do tempo, ver o ontem com os olhos de hoje e identificar, neste passado, a sua própria realidade. A mídia nos ensina a consumir momentos do passado em termos de imagens sofisticadas nostalgicamente evocadas. Neste caso, o passado, sem história, é transformado em uma grande coleção de imagens vazias e de fácil consumo. Ou seja, ao resgatar um fato do passado de preferência exemplar, a mídia procura construir uma visão de passado que lhe interessa, bem como interferir na construção de sentido de um fato no presente, provocando reações nostálgicas no receptor.

A recorrência ao passado pela mídia de forma nostálgica nos remete inevitavelmente aos mitos literários, mas especificamente o mito da Idade de Ouro<sup>3</sup>, porque

---

<sup>3</sup> Se o mito é uma narrativa que depende da tradição oral ou escrita, capaz de despertar no ouvinte ou no leitor representações coletivas ligadas a aspirações e a fatos contemporâneos, mito da Idade de Ouro é o mais representativo dos grandes mitos da humanidade. Presente em várias culturas, do passado longínquo ao tempo presente, oferece, na sua permanência, a imagem da felicidade do homem, sob olhar de deuses ou de Deus,

nos mostra com clareza uma constante: é nas épocas de crise, quando tudo parece oscilar, que o mito ressurgiu, em um contexto profético, estreitamente ligado aos apocalipses

“...ele se reveste, na cultura ocidental, de uma dimensão filosófica e uma utilização política que favorece a sua sobrevivência. Admirável é a plasticidade do mito da Idade de Ouro, cujos temas incessantemente retomados e submetidos a uma demonstração (filosófica) e às aspirações de um povo (política) se transformou e ofereceu à imaginação uma imagem renovada de felicidade humana total”.

Pode-se dizer ainda que a recorrência ao passado de forma nostálgica recoloca também a questão do pastiche, em que tentativas desesperadas de recuperar o passado perdido são agora retratadas pela lei inexorável da mudança e da moda. A nostalgia torna possível também o processo alegórico do passado, porque mobiliza, de forma alegórica, um certo momento do passado como prática particular de pastiche. É um pastiche do passado histórico, com fortes doses de hiper-realismo, carregando na fantasia e rompendo o compromisso com a realidade. Ao retornar o passado de forma nostálgica, a mídia cria um discurso essencialmente alegórico e reafirma estrategicamente o presente através de fragmentos deste passado requisitado.

É o passado retrospectivo, algo semelhante ao que os franceses denominam de *mode rétro*, em que momentos geracionais específicos desse passado não reinventam um quadro do passado em sua totalidade, mas provocam a sensação e a forma de objetos característicos de um período anterior, em que almeja redespertar um sentimento do passado diretamente associado a um fato no presente.

### ***A encenação do presente pela modalidade nostálgica***

---

como realização feliz do destino universal . Ligando ao mito da Idade de Ouro à sua história, os romanos politizaram um mito de essência religiosa e experimentaram as condições de aplicação de uma ideologia. Inúmeros povos neste fim de século XX conhecem uma espera semelhante; essa coincidência explica a ressurgência do “mito da Idade de Ouro” no pensamento contemporâneo. Através das variantes orientais e greco-romanas desse mito, prevalece certa imagem a tríade paz-abundância-justiça e que pertencem ao núcleo do mito fundamental”. (Brunel,1998).

Feitas estas considerações iniciais, toma-se como exemplo as chamadas minisséries históricas veiculadas na televisão, para demonstrar como a mídia recorre à estratégia mnemônica, com objetivo de interferir nos acontecimentos atuais. A opção pelas minisséries televisivas deve-se basicamente a duas razões. A primeira por conta do papel que a televisão, um dos mais importantes veículos da chamada comunicação massiva, desempenha hoje num país como Brasil, em que o índice de analfabetismo ainda é alto, em que o acesso à leitura é cada vez mais precário, em que a tradição oral foi substituída pela televisão. Por isso, não é de se estranhar que a televisão tenha se transformado num dos principais meios de entretenimento e informação e que a ficção ofertada por ela passou a ser a principal fonte de referência da sociedade nos dias atuais. A televisão investe-se, por suas próprias características, de uma forte sensibilidade para captar o seu presente, seja no dia-a-dia de sua função jornalística, seja no sentido de vestir a sua própria ficção com a roupagem de seu tempo, mesmo quando fala de uma época passada.

A segunda, por ser a minissérie um recurso que permite à televisão trazer um fato do passado mesclado de elementos que fazem parte da narrativa ficcional, diferenciando, assim, do formato das telenovelas onde a ficção toma ares de realidade. Nas minisséries, a televisão faz o caminho inverso das telenovelas. Ao invés de usar a ficção para introduzir elementos reais como o faz nas telenovelas, a exemplo *Que rei sou eu?*, *Salvador da Pátria*, a televisão usa um fato real para introduz elementos ficcionais, como, a saber, as minisséries históricas.

Para atestar o caráter ficcional da minissérie, vale reproduzir aqui as declarações da escritora da minissérie *JK* e a do ator Gianfrancesco Guarnieri ao se reportar à minissérie *Anos Rebeldes*.

*“Minissérie não é documentário. O que escrevo não é documentário. O texto é romanceado para dar um molho, mas tudo parte da realidade. Em cima do que realmente está documentado, imaginamos cenas possíveis”.* (Maria Adelaide Amaral<sup>4</sup>)

*“Não se pode, porém, exigir que a minissérie seja um documentário, um estudo sociológico. É um programa de TV,*

---

<sup>4</sup> Declaração da escritora à revista *época*, na edição de n. 385, de 17/10/2005.

*que pode levar em conta fatores unicamente artísticos, ou documentais e seu principal objetivo é alcançar o grande público. (Gianfrancesco Guarnieri)*

Uma rápida análise da minissérie JK exibida recentemente pela Rede Globo de Televisão, talvez nos ajude a compreender melhor como a mídia lança mão da estratégica mnemônica. A primeira idéia que nos ocorre quando inicia a veiculação da minissérie é que a emissora decide rememorar a vida social e política do ex-presidente Juscelino Kubistchek com o objetivo apenas de relatar ao telespectador momentos históricos que marcaram intensamente o país. Entretanto, um olhar mais atento à minissérie, nos permite perceber que a Globo, ao resgatar a vida de um político que faz parte da história política brasileira exatamente num momento em que o país vive uma desesperança com as denúncias de corrupção no campo político, não tinha apenas a intenção de rememorar um fato histórico, mas de interferir no momento político, suscitando toda uma onda de lembranças, revivências e saudades de um tempo memorável, onde o público tem a possibilidade de satisfazer um desejo mais profundo e mais propriamente nostálgico de retornar àquele antigo período e vivenciar novamente uma época exemplar. Aquilo que falamos anteriormente sobre o Mito da Idade de Ouro.

Através da minissérie, a Globo procurou envolver a sociedade por uma aura de sentimentos nostálgicos e os problemas da sociedade parecem ser bem menos difíceis de serem resolvidos naquela passado resgatado do que os nossos desafios do presente. Um presente sem esperança, mergulhado no mar de lama e de corrupção, marcado por amplas massas de excluídos, buscando um lugar e um sentido para vida, tanto no plano social quanto no plano subjetivo.

Retratado pela autora como herói desde sua infância, um dos presidentes mais polêmicos do país, a Globo pretende, em verdade, resgatar o ânimo da sociedade brasileira e retomar a crença no mito salvador da pátria em pleno ano eleitoral, num momento de descrença generalizada que se alastrou pelo país, marcado pelos últimos acontecimentos que abalaram o cenário político. Apoiados na imagem e no estereótipo do político

corrigem, a emissora busca lembrar um passado distante (época de ouro) com nostalgia, para compará-lo com os fatos recentes ocorridos no campo político.

Esta estratégia nos reporta ainda aquilo que Freud chama de luto e melancolia. Luto, porque demonstra que a sociedade que tanto investiu na eleição de Lula e acreditou na sua proposta política vive agora o Luto por conta das revelações de corrupção em seu governo. Melancolia, porque a emissora, ao rememorar um fato exemplar do passado, provoca um sentimento de melancolia já que os anos JK marcaram o último governo democrático, que cumpriu mandato inteiro, seguido por um período de instabilidade e de governos militares. É a busca relacionada ao presente e que foi melhor no passado”O retorno ao passado representa, aqui, a integração do fato de atualidade a um outro fato’*fato “semelhante” que o precede. A notícia se inscreve, assim, na reprodução de um modelo na reatualização de um paradigma*”. (Moulland, 1997)

Outro fato que reforça a idéia de que a Rede Globo não estava apenas preocupada em retratar a vida social e política do ex-presidente Juscelino Kubistichek é que ela, ao trazer alguns fragmentos relacionados ao governo de JK, procura, implicitamente, estabelecer uma relação direta do governo de JK com a atual conjuntura política brasileira, em particular com o governo de Luís Inácio Lula da Silva. Fato que pode ser observado, por exemplo, quando a minissérie trata do tema da corrupção no governo de JK. Na minissérie, a Globo busca sempre relacionar o ex-presidente com a imagem do governante que não sabia da corrupção, por estar preocupado com as questões mais gerais do governo. Para tanto, a minissérie destaca momentos que reforçam a imagem do presidente como um estadista, que estava preocupado mais com o destino da nação, com os assuntos de interesses nacionais, que pudesse colocar o país em evidência. Logo, JK não teria tempo para perceber os atos de corrupção praticados por seus assessores. Uma situação, aliás, semelhante a do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que declarou, por ocasião das

denúncias feitas pela imprensa de corrupção em seu governo, que se sentia traído, já que desconhecia o envolvimento de seus principais assessores e ministros no esquema de corrupção. Não foram poucas as ocasiões em que Lula procura mostrar-se como estadista. Aquele governante preocupado mais com os assuntos nacionais e as relações do Brasil com os outros países. Por isso, não teve tempo para perceber o esquema de corrupção montado à sua volta.

O mesmo acontece quando a minissérie relata a vida de JK ressaltando a infância pobre e humilde no interior de Minas Gerais e as dificuldades que enfrentou até chegar à presidência da República, já que não pertencia a família tradicional e nem tinha raízes na política tradicional. A minissérie mostra que JK, apesar da oposição acirrada de seus adversários, como Carlos Lacerda, apesar de não ter maioria na Câmara, conseguiu fazer um bom governo e hoje é considerado como um mito na política brasileira. Este relato relembra em muito com a história de vida do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Um menino pobre do nordeste, também se tradição familiar e política, que enfrentou dificuldades para chegar ao governo. Assim como JK, Lula tem enfrentado toda sorte de oposição, mas tem conseguido governar o país e ainda manter a preferência dos eleitores. Ainda em referência a oposição, um fato curioso é a forma como a minissérie apresenta a oposição ao governo JK . É uma oposição mesquinha e que torce para que tudo saia errado no governo. Numa referência direta a oposição ao governo Lula que está mais preocupada em desqualificar as ações do governo, como a principal estratégia eleitoral de retorno ao governo, do que resolver as questões sociais do Brasil.

Em relação à economia, a minissérie mostra a ortodoxia monetarista da política econômica do governo JK, atendendo, inicialmente, as normas impostas pelo FMI e o controle da inflação. Em seguida, relata o rompimento do governo JK com o FMI. Numa alusão à atuação de Lula no governo, que manteve no início uma política econômica ortodoxa, mas depois resolve quitar o empréstimo com FMI.

A minissérie JK é apenas o exemplo mais recente da estratégia mnemônica usada pela mídia. Mas outras minisséries também foram veiculadas em momentos muito delicados da política brasileira. Em 1992, por exemplo, a Globo lançou a minissérie Anos Rebeldes, em meio ao conturbado cenário político em que o congresso às voltas com a Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar ações de corrupção no governo do

presidente da República, depois das primeiras eleições presidenciais diretas desde 1964. Naquele ano, o país vivencia o processo de impeachment do então presidente Collor de Melo por conta das inúmeras denúncias de corrupção em seu governo e a população estava desencantada com o governo: inflação em torno de 20 por cento ao mês e o crescimento econômico do país estancando há mais de dez anos.

É interessante observar que quatro dias depois do último capítulo da minissérie Anos Rebeldes, no dia 18 de agosto de 1992, as mobilizações de rua pelo “fora Collor” assumiram proporções cada vez maiores. Pode até ser que a minissérie não tenha levado a juventude às ruas, mas talvez tenha contribuído para algumas frase de efeito, para a formatação e mesmo para um marketing das manifestações estudantis (Narciso, 226). No entanto, uma coisa é certa: a sociedade imediatamente estabeleceu uma relação de causa e efeito entre Anos Rebeldes e os fatos que resultaram na onda de manifestações estudantis que redundaram no *impeachment* de Fernando Collor.

Outra minissérie que pode ter tido uma relação direta com o fato político daquela época foi à minissérie Decadência também exibida pela Rede Globo. Coincidência ou não, a minissérie foi ao ar no mesmo período em que enfrentávamos o dilema da sucessão de Figueiredo e a eleição indireta de Tancredo Neves, sua doença e morte e, por fim, a ascensão de Fernando Collor de Mello e seu tumultuado período de governo.

### **Saída**

Depois dessa breve leitura sobre algumas minissérie, cabe salientar que a idéia neste texto não era fazer uma extensa análise comparativa entre a minissérie JK e a atuação do governo Lula. A proposta, em verdade, era levantar alguns pontos que nos ajude a refletir um pouco mais sobre a complexa relação da mídia com a política nos dias atuais. Mas ainda: que nos ajude a entender que as estratégias discursivas construídas pelo campo midiático, seja ela mnemônica ou amnésica, são reveladoras de como a mídia busca instaurar processos de legitimação do seu dizer, tendo em vista regular o processo de construção social da realidade e, por conseguinte, moldar sentimentos dos mais variados nos receptores, especialmente se o fato narrado pretende criar uma realidade exclusivamente atual e única para o receptor.

Em assim sendo, este ensaio, que é como preferimos nomear este texto, aponta para algumas questões. Do ponto de vista do papel da mídia dentro da estrutura social de poder,

conclui-se, a partir deste breve relato, que a função da mídia, dependendo dos interesses que estão em jogo no processo de construção da notícia, pode ser tanto a de nos fazer esquecer quanto a de nos fazer recordar. Já em relação à atuação da Rede Globo através da veiculação das minissérie, conclui-se que a emissora, ao contrário do que nos tenta fazer crer, não estava preocupada apenas em retratar um fato histórico brasileiro, mostrando a vida política e social de um dos presidentes mais polêmicos do Brasil. Ao contrário, a leitura revela que a Globo, através das minisséries, procura participar, ainda que implicitamente, da disputa simbólica de sentido no cenário político. Por outras palavras, a emissora busca influir no atual quadro político brasileiro, selecionando situações da história social e política de JK e relacionando com as ações políticas do governo Lula. Daí a estratégia mnemônica, porque ela permite, nesta relação, provocar reações nostálgicas no receptor.

Ao rememorar a vida de JK num momento particularmente delicado da política, a emissora, estrategicamente, procura oferecer versões para períodos da história na perspectiva de mostrar um passado que lhe interessa e forjar uma outra imagem do fato que está sendo abordado no presente. Por isso, não será nenhuma novidade os candidatos à presidência procurarem relacionar suas imagens a de JK, dada a mitificação em torno da história dele gerado pela crença no mito Salvador da Pátria, que vem sendo explorada pelo marketing político desde o fim da ditadura militar.

Ao fazer este retorno ao passado, é como se a mídia estivesse a nos dizer que: apesar da corrupção no governo JK, da crítica ferrenha da oposição, o que ficou na memória da sociedade foi à imagem do bom presidente e de suas ações no sentido de mudar o país e atender aos mais necessitados. Neste sentido, ficaria a seguinte mensagem: devemos esperar que a história nos mostre se o presidente Lula foi ou não um bom governante e se suas ações foram ou não em benefício da sociedade.

### **Bibliografia**

**JAMESON**, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. *O pós-modernismo e a sociedade de consumo*. In: O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas. Organização DE e. Ann Kaplan; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahared, 1993.

**LOBO**, Narciso. *Ficção e política: o Brasil nas minisséries*. Manaus: editora Valer, 2000.

Dicionário de mitos literários. Sob a direção do professor Pierre Brunel; tradução Carlos Sussejind... (at al.), prefácio à edição brasileira Nicolau Sevcenko. (capa e ilustrações Victor Burton). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

**RODRIGUES**, Adriano. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: editorial presença, 2001.

**SANTOS**, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: editora brasiliense, 1998.

